

A verdadeira revolução de Marx pela educação para o amor

Marx's true revolution for education for love

Fidelino Cordeiro Dias¹

Submetido em: 19/10/2022
Aprovado em: 19/10/2022
Publicado em: 20/10/2022
DOI: 10.51473/rcmos.v2i2.366

RESUMO

Entendendo o amor como a maior força da Natureza, sendo a única capaz de destruir todo o ódio, egoísmo e ganância que assolam o planeta. Pretendemos nesse breve artigo iniciar um estudo e fundamentação para uma pretensão ainda maior. Como seria realizar uma verdadeira revolução pelo amor em que se empregue o final da exploração do homem pelo homem na visão de Karl Marx? Acreditando este autor que se os estudos, ainda tão atuais, deixados por Marx e Engels se fundamentados no amor, e não em uma revolução armada, seriam capazes de realizar uma inversão de regras impostas pela Burguesia, concretizando a submissão do poder do Capital e suas injustiças sociais pela verdadeira revolução para e educação para o amor.

Palavras-chave: Karl Marx. Verdadeira revolução. Revolução pelo amor

ABSTRACT

Understanding love as nature's greatest force, being the only one capable of destroying all the hatred, selfishness and greed that plague the planet. We intend in this brief article to start a study and rationale for an even greater claim. What would it be like to carry out a true revolution for love in which the end of man's exploration by man in Karl Marx's vision is used? Believing this author that if the studies, still so current, left by Marx and Engels were grounded in love, and not on an armed revolution, they would be able to perform a reversal of rules imposed by the Bourgeoisie, concretizing the submission of the power of capital and its social injustices by the true revolution for and education for love.

Keywords: Karl Marx. Real revolution. Revolution for love

1 INTRODUÇÃO

Acreditar no poder de uma verdadeira revolução pela educação para o amor, me deixa seguro ao procurar colocar em um texto, uma parte da minha experiência de vida; não só acadêmica como pessoal e profissional. Por que não amar o trabalho que realiza? Por que o trabalho, digno e bem remunerado não pode ter lugar no capitalismo? Por que o opressor, que muitas vezes foi oprimido, podendo ser educado para o amor, não quebraria o ciclo de exploração por parte dos donos da propriedade e dos meios de produção?

Acreditamos que uma educação para o amor poderia diminuir o abismo, que o capitalismo selvagem potencializa e aprimora, ao incentivar de forma sistêmica a concentração de riquezas por poucos, e a miséria de muitos. O que mais nos assusta como Educador é ver este abismo acontecer cada vez nas formas de incentivo a ignorância, permissão da violência instituída nos guetos, desrespeito à pessoa humana, a existência, o descaso imperativo; que se instalou, sobretudo de quem esperamos cuidar.

A exemplo o descaso instituído na saúde pública nos tempos de pandemia e nos serviços essenciais. As pessoas por estarem cansadas de tanta corrupção são capazes de agir de duas formas; a primeira acreditamente como afortunados e sem oportunidade, como se o destino os obrigasse a aceitar a escravidão financeira dos tempos modernos; ou revoltados que passam a não aceitar mais as regras e Leis necessárias ao bom convívio social estando as margens, seja em atitudes, como em diálogos em que a corrupção e o descaso sejam cada vez mais comuns e instituídamente normais.

1

1.1 JUSTIFICATIVA

Tive no início de minha trajetória de vida uma origem bem humilde. Éramos quatro irmãos em um quarto de uma simples casa em Jacarepaguá. Meu pai era um privilegiado para a época, tinha dois empregos. Lembro dele saindo às 05.00h da manhã para trabalhar no banco, emendando no serviço público à noite e retornando a casa por volta das 23 horas.

¹ UCP. Email: fidelino.dias@uol.com.br

Oprimido pelo trabalho duro do banco e favorecido pela pouca oportunidade que teve em estudar inglês quando adolescente; sempre se dedicou de maneira incansável a possibilitar que os filhos tivessem incentivo a estudar. De maneira amorosa, dentro da criação que teve, vibrava em cada conquista nossa em relação a avanços escolares. Hoje vejo na atitude de meu pai a oportunidade de quebra de um ciclo familiar de dificuldade que marcava a sua existência e o oprimia.

Meu pai é neto de escravos. Sua avó foi comprada na senzala por 1,5 Contos de Réis, por um rico proprietário de terras, que a colocou na casa grande como sua esposa e tendo 5 filhos com ela. Um deles o pai de meu pai. Este contraste marca minha família e a sociedade brasileira. De um lado o herdeiro dono de terras e de outro a humildade submissa da mulher afrodescendente submetida aos caprichos do Senhor do Engenho. E onde esta equação deu certo.

No que acredito no amor existente entre os dois que foi capaz de vencer preconceitos, quebrar correntes, constituir uma família em que a coragem do sinhozinho em enfrentar preconceitos por amor.

Marx é preciso e perfeito ao situar em sua época, a exploração do homem pelo homem. Posição ocupada não mais pela realeza, mas pela implacável burguesia. Marx descreve em sua época que antes até os séculos XVI era necessário ao indivíduo trabalhar apenas três meses do ano para pagar seus tributos, os demais meses de trabalho eram destinados ao escambo e a produção em benefício próprio.

Marx em sua época, revoltasse pois o homem passa a trabalhar de 13 a 16 horas por dia, de maneira alienante, onde se fazia necessário trabalhar os 12 meses dos anos para manter o sistema capitalista, o que ele chamava de escravidão do capital, como descrito nos preâmbulos do Manifesto Comunista (1846).

Talvez por não estar no contexto da época vivida de Marx, não foi considerada em sua obra uma outra faceta do capitalismo. O cuidado pelo amor era feito em casa pelas mães que se anulavam, mas dedicavam a vida a cuidar dos filhos, de forma semelhante a escravidão; mas de maneira descaracterizada pelos laços de amor que envolve filhos-mães, que disfarçavam o que acreditamos ser a regra do jogo para a época.

Não havia trabalho para homens e mulheres da mesma forma, e ao patrão e família pagar o cuidado com os filhos ou colégios internos não era uma realidade alcançável a todos. Portanto, o cuidado e o trabalho feminino ainda possuem ranços de ter de serem feitos de forma pejorativa e caritativa quase. A falta de reconhecimento não só do cuidado como de sua obrigação por amor, de uma certa forma podem ter feito desprezarmos de maneira tão enraizada na sociedade e no cuidado.

Mas não pretendemos atravessar só o caminho do trabalho feminino, e nem pretendemos ora afirmar outras considerações que fujam do nosso objetivo, apenas pretendemos apresentar um perfil social que nos leva acreditar na não consideração de Marx em uma energia que sempre existiu e minimiza o Capitalismo Selvagem, mesmo que muitas vezes, este se apropriando deste para obtenção de maiores lucros, como o Fetichismo para o Natal, Dia das Mães, Dia dos Namorados. Não se pode negar o consumismo implícito nestas datas; mas se entendermos o sentimento que leva a este consumo, o apelo é feito pela relação de amor que acreditamos ser necessário de ser lembrado em uma data que o lastro de lembrança da data signifique cuidado.

Existe, portanto, em toda sociedade uma predisposição para o amor potencial, mas submetida aos caprichos do Capitalismo, por enquanto, mas que a verdadeira educação para o amor seria de maneira certa capaz de imobilizar. Nós temos os valores da atração para cuidar e zelar pela pessoa humana, como mais importante que qualquer propaganda. Qual mãe que não prefere uma rosa roubada do próprio jardim e um beijo sincero de um filho que se esforça em ser um cidadão de bem que um iPhone último tipo?

Quando falamos de forças da Natureza e do amor, temos diversas formas de amor como bem ilustra Leo Buscaglia (1990) em seu livro de mesmo título Amor. Descreve o amor de diversas formas, como de mãe, amor caritativo, amor submisso, amor paixão.

No antepenúltimo parágrafo, deste texto, demos ênfase ao amor de mãe por ser incondicional e único. Mesmo que a Natureza Humana insista nas exceções de mãe que algumas vezes agem na contramão por descaso a seus filhos. A unanimidade nos leva a criticar estes atos da forma mais veemente e majoritária.

A Educação para o Amor como forma de adoção de mudança de atitude, principalmente auxiliada pelas ferramentas da dor e do arrependimento, como pregam as religiões ocidentais e orientais, milenares ou não, ou simplesmente

como parte da intuição humana é a fórmula que acreditamos ter que ser empregada pelo homem, para quebra da hegemonia do descaso e ao interesse de se obter o lucro a todo custo. Fórmula essa inclusive, descrita por Einstein em sua carta e que muito nos incentivou a discorrer sobre este tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Aborda-se aqui as críticas de Karl Marx às teorias relacionadas à distribuição de renda que surgiram no decorrer dos tempos.

O termo *economia política* originou-se do grego *politeia* e *oikonomika*. Adam Smith e David Ricardo, os maiores representantes da economia Política, acreditavam que esta compreendia o conjunto das relações sociais que surgia na crise do Antigo Regime, ou seja, as instituições da feudalidade ocidental. (NETTO; BRAZ, 2008, p. 17).

Nesse contexto, a economia política clássica não era somente uma disciplina científica, e sim constituía em entender como funcionava uma sociedade na era feudal.

Entre os anos de 1825 e 1830 e 1848, houve crises na economia política clássica, onde é modificada a relação da burguesia com a cultura ilustrada que sintetizava um projeto de emancipação humana, condicionada pela premissa: liberdade, igualdade, fraternidade. De fato, ocorreu uma emancipação política e não uma emancipação humana, já que a liberdade política não foi possível no regime burguês.

Realmente a revolução burguesa proporciona mais liberdade à sociedade, porém bem longe do que prometia ser o *Reino da Liberdade*, o que acabou por resultar em um domínio de classes da burguesia.

Com isso, o movimento das classes sociais travou em meados do século XIX, uma série de confrontos entre a burguesia e a parte dos trabalhadores, desencadeando rebeliões e revoluções, refletidas na revolução de 1848.

A burguesia já não faz parte da cultura ilustrada e passa a propor alternativas emancipadoras, passando a ser uma classe conservadora, e o proletariado revolucionário adentra nos princípios ilustrados.

A partir da segunda metade do século, a economia política clássica se desfaz totalmente, passando a ser considerada pelos pensadores da ordem burguesa somente *Economia*, e pelos proletariados intelectuais liderados por Karl Marx como *Crítica da Economia Política*.

Com essa simples nomenclatura a economia se torna o que Smith e Ricardo jamais consideraram: uma disciplina científica exclusivamente especializada em questões históricas, sociais e políticas de cunho científico-acadêmico, surgindo “Um corpo de profissionais credenciados para atuar como gestores nas empresas capitalistas e na administração pública” (NETTO; BRAZ, 2008, p. 23), os economistas.

O maior revolucionário do proletariado, Karl Marx (1818-1883) conceitua a crítica da economia política como uma crítica de totalidade, uma expressão de luta de classes do proletariado, baseada nos objetivos da sociedade capitalista, onde o ideal de Marx foi e será mantido por seus seguidores lutar contra a exploração da burguesia mundial.

Sobre a história, Marx identificou o processo de organização política das forças sociais, dando ao proletariado a responsabilidade das transformações históricas que levasse a uma nova etapa civilizatória.

A obra de Marx, *O Capital*, não significava uma negação à teoria dos clássicos, nem pudera já que a crítica da economia política só foi possível devido a uma análise teórica estrutural da economia burguesa. Assim a economia política clássica precisou existir para que Marx encontrasse os elementos necessários para sua perspectiva metodológica do capital.

Portanto, no século XX, vários seguidores de Marx procuraram esclarecer esses fenômenos criando assim a Economia Política Marxista. Porém, ao mesmo tempo em que esses analistas conseguiram grandes avanços quanto ao conhecimento, entraram em diversos confrontos de ideias sobre até mesmo o próprio elemento da economia política marxista.

3

A exploração do trabalho é evidenciada por Karl Marx quando este define a mais-valia e sua relação com o capital variável, a mais-valia é o valor do trabalho não pago ao trabalhador, isto é, consiste na exploração exercida pelos capitalistas sobre seus assalariados (LESSA; TONET, 2008).

A força de trabalho para Marx é como uma mercadoria qualquer, cujo valor é determinado pelos meios de vida necessários à subsistência do trabalhador, se este, trabalhar além de um determinado número de horas, produzirá não apenas o valor correspondente ao de sua força de trabalho, mas também um valor a mais, um valor excedente sem con-

trapatida. Para ele, a taxa de mais-valia define o grau de exploração sobre o trabalhador (MARX, 2004).

A produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, ela é essencialmente produção de mais-valia. O valor dos elementos de produção é igual ao valor do capital adiantado, este capital, que Marx chamou de capital C, é formado a partir de uma soma de dinheiro empregada nos meios de produção e uma parte destinada ao pagamento da força de trabalho, sua equação original é a seguinte $C = c + v$, onde C = capital, c = capital constante e v = capital variável. Entretanto, o processo de produção gera um excedente, modificando a equação original para a seguinte $C = c + v + m$ onde (m) é a mais-valia.

Marx define que a proporção em que se prolonga a jornada de trabalho valoriza-se o capital variável, o capital apropria-se do trabalho excedente exercido pelo trabalhador determinando a relação entre mais-valia e o capital variável a esta valorização proporcional ao capital, Marx a chamou de taxa de mais-valia ou taxa de lucro.

O valor do preço da força de trabalho, não pode ser comparado com a mais-valia, pois esta caminha no sentido da produtividade. Um acréscimo na produtividade e na intensidade do trabalho, traz como causa a diminuição do valor da força de trabalho, por sua vez, o valor da força de trabalho só pode variar em virtude de uma variação na produtividade do trabalho.

A taxa de mais-valia é, por isso, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista.

É fato notório o abismo que separa as condições de vida do trabalhador e do capitalista. A força de trabalho seja comprada e vendida pelo seu valor. Seu valor, como o de qualquer outra mercadoria, é determinado pelo tempo de trabalho necessário à sua produção, vale a informação que quem define o valor da força de trabalho, é o capitalista. Marx afirma as condições impostas pelo capital. (MARX, 2004, p. 347).

O modo de produção capitalista é cruel com os que vendem sua força de trabalho, ele transforma a vida da sociedade num fetiche voltado para aquisição de coisas supérfluas, impõe à economia negócios direcionados à concorrência anárquica, não se preocupa com o desperdício nem com o meio ambiente.

Neste modelo o que o operário ganha em trabalho, ele perde em qualidade de trabalho. A utilização da força de trabalho e a espoliação dela são coisas inerentes à vida da classe trabalhadora.

A força de trabalho, aquela que o sistema considera livre é condição necessária à valorização da economia capitalista, as formas de exploração do tempo de trabalho, ocorre com constituição da divisão do trabalho em duas partes: o trabalho necessário (aquele que propicia a reposição das condições vitais para o trabalhador) e o trabalho excedente (parte que sobra para o capitalista como trabalho não pago).

Marx mostra a exploração sem limites no ramo da indústria inglesa, nestas indústrias, são explorados crianças, mulheres e adultos. O nível de exploração nestas indústrias vai desde a ampliação sem precedentes do tempo de trabalho ou mais-trabalho, até as instalações precárias dos postos de trabalho (LESSA; TONET, 2008).

Para ele, esse adicional de tempo de trabalho não pago ao trabalhador, pouco a pouco vai se estendendo e em um ano faz uma grande diferença em favor dos capitalistas. As crianças são sacrificadas com imposições de tarefas pesadas e submetidas a uma grande jornada de trabalho. As condições de trabalho são na maioria das vezes insalubres e perigosas, causando muitas doenças.

Ao capitalista interessa o lucro, ele é indiferente às consequências sofridas pelo trabalhador. Para não perderem seus lucros se apoderam do trabalho alheio sugando o máximo que podem. Fundando sua lógica na exploração e exclusão de grande parte da população do mundo do trabalho, causando um volume enorme de mazelas, de violência e danos ao meio ambiente.

4

Marx não se omite e denuncia: para ele, o capital também é uma relação social de produção. É uma relação burguesa de produção, uma relação de produção da sociedade burguesa. O capital não é apenas uma soma de produtos materiais, é também uma soma de mercadorias, de valores de troca, de grandezas sociais.

Marx (2004) demonstra como o capital não se importa com a vida humana, como os capitalistas roubam o tempo de trabalho. Para o capitalista as 24 horas do dia são para a valorização do capital, para a ampliação dos lucros. O capital não está preocupado com o sofrimento da geração trabalhadora que o circunda, com o apodrecimento futuro da humanidade, nem mesmo com o meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, Marx deixa claro que a produção capitalista é essencialmente produção de mais-valia. É o roubo de mais-trabalho do trabalhador, é a exploração exercida de diversas formas, sobretudo com o prolongamento da jornada de trabalho até o nível da mais perversa exaustão.

O capital domina os meios de produção com uma força avassaladora, imprime um regime de trabalho forçado, manipula e controla o processo de produção e ainda conta com o amparo do estado, como foi no caso das Leis Fabris inglesas. Confundi o mais-trabalho com o trabalho necessário.

Ele determina o volume de produção do trabalho, a qual deve ser aumentada de modo que a produção da mesma quantidade de mercadoria exija uma menor quantidade de trabalho.

A consequência do aumento da produtividade e do mais-trabalho, sendo modificadas as condições técnicas e sociais do processo produtivo é a desvalorização do trabalho, isso se dá com a introdução nos ramos indústrias do aumento da força produtiva, objetivando a ampliação do volume de mercadorias produzidas sem que este processo atenda às condições necessários ao bom nível de subsistência à vida da classe trabalhadora.

Tal mecanismo, em nada contribui com a valorização da força de trabalho, pois, o objetivo do capitalista é aumentar a força produtiva do trabalho para diminuir o preço da mercadoria, gerando as condições necessárias à obtenção de um maior volume de vendas e facilidade em dominar uma maior parcela do mercado.

Quem paga essa diferença é o trabalhador e não o capitalista. Ao trabalhador cabe a obrigação de executar suas tarefas no menor tempo possível. Quanto ao capitalista, este não tem no que se preocupar, pois, sua única finalidade é obter mais lucros.

REFERÊNCIAS

BUSCAGLIA, Leo. **Amor**, Rio de Janeiro: Record. 1990.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução a filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Ícone, 2004.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2008.